

Expansionismo norte-americano e a guerra terceirizada na Europa

Por: Gilson Camargo

Na apresentação do livro *A guerra, a energia e o novo mapa do poder mundial* (Vozes, 224 páginas, 2023), o senhor refere a pesquisa em andamento, do Ineep, sobre as grandes transformações internacionais e a reconfiguração da geopolítica energética mundial. Qual o seu envolvimento com esse trabalho e como essa questão aparece na publicação?

De fato, no momento da formação do Instituto de Estudos Estratégico do Petróleo, Gás e Biocombustíveis (INEEP), em 2017, fui convidado pelos seus diretores para coordenar uma pesquisa sobre as transformações geopolíticas mundiais e seu impacto sobre a indústria e os mercados internacionais de petróleo e gás, e sobre o processo da “transição energética”. E nestes últimos seis anos o relatório da nossa pesquisa foi sendo feito na forma de artigos mensais sobre os momentos e ângulos mais relevantes desta transformação. Foram cerca de 80 ou 90 artigos a maioria dos quais foi incluído num primeiro livro intitulado *A Síndrome de Babel e a disputa do Poder Global*, publicado pela Editora Vozes no ano de 2020. E agora, neste segundo livro, que inclui artigos de outros três pesquisadores do INEEP, quase todos focados na análise da pandemia do Covid 19 e na Guerra da Ucrânia.

Esta nova “guerra europeia” poderia ser vista como mais uma disputa secular em torno a recursos energéticos? E depois de um ano e quatro meses das

sanções aplicadas contra o petróleo e gás russos, o senhor diria que ela já alterou a geopolítica dos mercados globais de petróleo? Por quê?

Nem toda guerra é causada por disputas energéticas, mas não há dúvida que toda guerra tem algum “componente energético”. E o mesmo se pode dizer desta “guerra da Ucrânia”, cuja disputa mais importante envolve a questão da “primazia mundial”, mas que assim mesmo passa pelo problema do fornecimento do petróleo e do gás russo às demais economias europeias, e para a economia alemã muito em particular. Os EUA se opuseram desde a primeira hora à construção dos gasodutos do Báltico e sempre tiveram medo da aproximação econômica entre a Alemanha e a Rússia. E hoje ninguém tem dúvida sobre o papel dos Estados Unidos na explosão dos dois oleodutos, o Nord Stream I e II, nos dia 26 de setembro de 2022, bloqueando definitivamente a possibilidade de algum tipo de negociação separada entre os alemães e os russos, e eliminando ao mesmo tempo a dependência europeia dos recursos energéticos russos.

Por outro lado, as sanções aplicadas pelo G7 e seus aliados contra o petróleo e o gás russo já provocaram um redesenho radical do mapa energético mundial, com o redirecionamento da energia russa para os mercados asiáticos, e com o estabelecimento de novos vínculos entre as potências petrolíferas do Oriente Médio e a Extrema Ásia, com ênfase particular nas novas relações geoeconômicas e geopolíticas entre a China a Arábia Saudita, o Irã, e a Rússia.

Uma aproximação econômica e estratégica que nasceu à sombra e como resposta defensiva ao uso norte-americano de sua moeda e de suas finanças,

como instrumento de poder dentro do mercado mundial de energia, e como arma de guerra contra seus concorrentes ou adversários.

E ainda no “campo energético”, segundo sua opinião, qual o impacto que poderá ter esta guerra sobre a questão da “transição energética”?

Como já dissemos, a energia foi sempre uma dimensão fundamental de todas as guerras através dos tempos e em todos os lugares. Pela simples razão de que a energia é que move os exércitos. Mas não há dúvida que depois da descoberta do petróleo, em meados do século XIX, e depois de sua transformação na principal fonte energética do século XX, intensificou-se muitíssimo a disputa entre as grandes potências pela conquista e monopolização desse recurso fóssil, concentrado em territórios de pouquíssimos países.

No início da Primeira Guerra Mundial, o cavalo ainda era um elemento central do planejamento militar das grandes potências, e o carvão é que movia as máquinas, os trens e os vapores do mundo. Mas quatro anos depois, no fim da guerra, havia acontecido uma grande “transição energética” que mudou a face do capitalismo, e redesenhou o mapa geopolítico mundial. E essa grande “transição” foi deslançada pela Primeira Guerra, e quem começou o processo foi a Marinha Britânica que iniciou a mudança do combustível dos suas “canhoneiras” em 1911, mas depois do primeiro passo, todas as demais potências envolvidas no conflito aderiram à nova matriz do petróleo. E durante a guerra, todos os governos criaram estruturas e agências específicas de articulação entre seus comandos estratégicos e suas grandes empresas petrolíferas privadas e públicas, incentivando a pesquisa e desenvolvimento de

novas formas e tecnologias de exploração dos recursos fósseis. E foi assim aliás que o gás natural começou a ser explorado como subproduto da produção de petróleo, já no século XIX, mas sobretudo a partir de meados do século passado quando foi resolvido o problema da sua transmissão.

Agora de novo, nesse início do século XXI, o mundo está atravessando uma grande transformação geopolítica, e ao mesmo tempo está se propondo realizar uma nova “transição energética”, que visa substituir os combustíveis fósseis por novas fontes de energia que sejam “limpas e renováveis”. E o paradoxal é que esta transição “preservacionista” da natureza e dos homens, também esteja sendo promovida pelas pesquisas e inovações induzidas pelas necessidades bélicas das grandes potências. O comando estratégico das grandes potências prevê o uso prioritário da energia fóssil em suas várias plataformas militares, pelo menos até 2050, mas todos se propõem substituir a energia carbônica por uma nova matriz que inclua a energia eólica, solar, maremotriz e biocombustível, com o aproveitamento também de fontes ainda subutilizadas de hidrocarbonetos, como é o caso das areias betuminosas e do hidrato de metano.

Além disso, todos esses países vêm se empenhando no desenvolvimento da eletricidade produzida no próprio campo de batalha, como resultado inclusive das exigências impostas pelos novos sistemas eletrônicos que estão sendo utilizados cada vez mais, nas operações militares com laser, sensores químico-biológicos e exoesqueletos. Os Estados Unidos, a Rússia, a China, a própria Índia e as demais potências intermediárias do sistema mundial trabalham hoje com o mesmo horizonte de 2050/60, quando programam a “transição energética” de suas estruturas e plataformas militares, com vistas à construção de um novo paradigma “fóssil-free”, por razões estratégicas e não

ecológicas. O que de fato é um grande paradoxo: produzir energia “limpa” para aumentar a eficiência das máquinas de destruição bélica das grandes potências.

O uso intensivo das sanções econômicas do G7 contra a Rússia, permite falar na existência de uma “guerra econômica” paralela ao conflito militar propriamente dito?

Na verdade, são instrumentos ou armas complementares de uma mesma guerra. Como resposta à iniciativa militar da Rússia na Ucrânia, os Estados Unidos e seus aliados do G7 desencadearam um ataque econômico contra a Rússia verdadeiramente massivo e arrasador, incluindo o bloqueio comercial e financeiro da economia russa e o congelamento dos ativos e reservas russas aplicadas nas moedas e títulos dos países do G7. Mas é compreensível que se fale numa “guerra econômica” uma vez que os dois principais objetivos deste ataque visavam atingir a capacidade bélica dos russos. O seu primeiro objetivo, era provocar uma asfixia instantânea da economia russa paralisando de imediato sua máquina de guerra; e o segundo, era aleijar a economia russa de tal forma que os russos não pudessem pensar em fazer uma nova guerra por muitos anos ou décadas.

Mas até agora, os Estados Unidos e seus aliados não alcançaram seus objetivos porque talvez não tenham avaliado corretamente o poder de resistência de uma grande potência energética, que detém ao mesmo tempo grandes reservas de minerais estratégicos e é hoje uma das maiores produtoras mundiais de alimentos, além de ser, sabidamente, a primeira ou segunda maior potência atômica do mundo. Mas além disto, parece que os “aliados ocidentais” não

calcularam corretamente o efeito bumerangue destas ações dentro de suas próprias economias e sociedades que entraram em recessão e estão enfrentando um verdadeiro levante social em muitos casos contra seus próprios governos. Uma revolta social que pode acabar asfixiando a vontade política de fazer guerra, sobretudo dos europeus. Para não falar do efeito produzido pelo uso do dólar como arma de guerra sobre o processo de despolarização da economia mundial provocado pela fuga dos governos de todo mundo dos títulos e da moeda americana. Este processo poderá tomar tempo, mas a desconfiança já se instalou dentro o sistema econômico mundial.

Link para a matéria original:
<https://www.ihu.unisinos.br/629645-expansionismo-norte-americano-e-a-guerra-terceirizada-na-europa-entrevista-com-jose-luis-fiori>